

Co-living: uma nova maneira colaborativa de morar

Co-living: A new collaborative way of housing

Co-living: una nueva manera colaborativa de vivir

MACHADO, João Ricardo Freire de Moraes
Mestre, PPAPMA/UFRN, jricardomachado@hotmail.com

VELOSO, Maísa Fernandes Dutra
Doutora, Professora Titular da UFRN, maisaveloso@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta uma discussão sobre uma nova forma de morar, o *co-living*, como parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado profissional que teve como produto um projeto desse tipo habitacional. A pesquisa teve os seguintes objetivos: a) Apresentar o contexto e os fatores que contribuíram para o surgimento do *co-living*; b) Definir o que é *co-living*; c) Elencar alguns princípios básicos para o sucesso de uma habitação em *co-living*; d) Conhecer o mercado imobiliário local (Natal/RN) e identificar um potencial público alvo, condizente com essa realidade potencial. As questões a serem respondidas foram: Existe um público em potencial para este tipo de moradia em Natal-RN? Qual é o tipo de edificação que atende atualmente este público? Qual são as suas necessidades? A partir destas respostas, um anteprojeto de uma edificação em *co-living* foi desenvolvido, objetivando responder às necessidades dessa significativa fatia do mercado.

PALAVRAS-CHAVES: projeto arquitetônico, *co-living*, espaços compartilhados

ABSTRACT

This article presents a discussion about a new way of living, co-living, as part of the results of a professional master's research that had as its product a housing project. The research had the following objectives: a) To present the context and the factors that contributed to the emergence of co-living; b) Define what is co-living; c) List some basic principles for the success of co-living housing; d) Know the local real estate market (Natal / RN) and identify a potential target audience, consistent with this potential reality. The questions to be answered were: Is there a potential public for this type of housing in Natal-RN? What type of building currently serves this audience? What are your needs? From these answers, a preliminary project for a co-living building was developed, aiming to respond to the needs of a significant portion of the market.

KEY WORDS: architectural design, *co-living*, shared accommodation

RESUMEN

Este artículo presenta una discusión sobre una nueva forma de vida, la convivencia, como parte de los resultados de una investigación de maestría profesional que tuvo como producto un proyecto de vivienda. La investigación tuvo los siguientes objetivos: a) Presentar el contexto y los factores que contribuyeron al surgimiento de la convivencia; b) Definir lo que es convivir; c) Enumere algunos principios básicos para el éxito de la vivienda compartida; d) Conocer el mercado inmobiliario local (Natal / RN) e identificar un público objetivo potencial, consistente con esta realidad potencial. Las preguntas a responder fueron: ¿Existe un público potencial para este tipo de vivienda en Natal-RN? ¿Qué tipo de edificio sirve actualmente a este público? Cuales son tus necesidades? A partir de estas respuestas, se desarrolló un borrador de un edificio de vivienda compartida, con el objetivo de responder a las necesidades de una porción significativa del mercado.

PALABRAS-CLAVES: proyecto arquitectónico, *co-living*, espacios compartidos

1 INTRODUÇÃO

Aqueles nascidos entre 1981 e 1997 e que hoje estão na faixa dos 20-35 anos constituem a primeira geração dos chamados “nativos digitais” e representam, aproximadamente, 30% da população da América Latina, conforme o estudo intitulado *Millennials em Latinoamérica* de Antoni Gutiérrez-Rubí (2016). De acordo com o SEBRAE (2017), essa geração é a faixa etária mais representativa no mercado norte-americano e, aqui no Brasil, eles já representam 44% da população economicamente ativa, desde 2006.

Nesse cenário, também se inclui a noção de economia compartilhada, modelo no qual o serviço interessa mais do que a posse, o que se expressa em expoentes que são grandes sucessos em várias partes do mundo, como o Uber¹, a Netflix² e o Airbnb³, que nasceram das necessidades desta geração. Agora o “ter” e o “acumular”, tão importantes para a geração anterior, são agora substituídos pelo “ser” e o “experimentar” novas vivências. Essa nova forma de pensar levou ao surgimento do *co-working*, em que um grande ambiente de trabalho compartilhado atende às necessidades de grande parte dos profissionais liberais contemporâneos, diminuindo os custos e agregando pessoas com objetivos comuns. Foi só uma questão de tempo para que isto se estendesse à moradia, tornando-a mais central e com grande possibilidade de agregar pessoas por afinidades.

Assim, o *co-living* surge para atender esta e outras necessidades desta geração, que representa um significativo nicho de mercado e que não estava, ao menos no caso brasileiro, recebendo a devida atenção do mercado imobiliário. O *co-living* é o resultante da confluência de diversos fatores que aconteceram recentemente no mundo, e, entre eles, está a crise na habitação. O advento da economia compartilhada, fruto das necessidades da geração Millennials⁴, foi outro fator que contribuiu para o seu surgimento.

De acordo com Mendonça (2014), outro aspecto importante para o surgimento do *co-living* foi o posicionamento do mercado imobiliário.

(...) o mercado imobiliário, enquadrado no sistema capitalista que nos rege, é um forte agente modificador. Porém, interesses externos aos empreendimentos prevalecem no que diz

¹ *Uber* é uma empresa tecnológica onde através do seu aplicativo os usuários que necessitam de transporte conseguem contatar motoristas parceiros para oferecerem o serviço.

² *Netflix* é uma empresa norte-americana que disponibiliza através de uma mensalidade fixa, um extenso catálogo de filmes e séries, que podem ser acessados via tablet, celular ou smart TV.

³ *Airbnb* começou em 2008 e hoje milhões de anfitriões e viajantes criam uma conta gratuita no site oficial e assim podem anunciar ou reservar acomodações em qualquer lugar do mundo.

⁴ *Millennials* ou geração do Milênio foi um termo cunhado em 1987 por Neil Howe e William Strauss para nomear a geração que estava por vir e em 2000 escreveram um livro sobre essa geração chamado *Millennials Rising: The Next Great Generation*.

respeito ao projeto, negligenciando a diversidade de seus usuários e os modos atuais de vida. Na verdade, está ocorrendo uma massificação dos modelos habitacionais, com divisões rígidas, impossibilitando a flexibilização dos espaços (MENDONÇA, 2014, p.04).

Assim sendo, consideramos como essa problemática poderia ser aplicada à cidade de Natal/RN. A pesquisa incluiu inicialmente visitas às imobiliárias locais com o intuito de descobrir um potencial nicho do mercado. Foi detectado que havia uma procura significativa por apartamentos de pequeno porte para estudantes oriundos de outras cidades e interior do estado, fomentada pelo ENEM/SISU. Entretanto, apesar do conhecimento dessa nova demanda, o setor imobiliário local não fornece produtos para atendê-la satisfatoriamente. Foi então feita uma pesquisa sobre formas de morar que pudessem atender adequadamente a esse público alvo, e um dos projetos de referência estudados abordava o *co-living*. Foram desenvolvidos estudos indiretos sobre esse tipo habitacional e foram feitas visitas às edificações que hoje abrigam o público alvo em Natal. No primeiro caso, observou-se que o *co-living* enfatiza espaços de convivência e de trabalho compartilhados e, no segundo, que as moradias destinadas a estudantes no contexto Potiguar não satisfaziam suas necessidades. Depois de adotar o conceito integrador de “colmeia” para o projeto, foi feita a programação arquitetônica baseada nos principais dilemas projetuais, o que culminou com o pré-dimensionamento e *layout* dos espaços. Só então foi escolhido um terreno que atendesse a critérios como proximidade de universidades e serviços. Em seguida, foram realizados estudos dos condicionantes legais e ambientais e os testes de conforto ambiental do terreno. Com base nesses dados, foi desenvolvido o partido arquitetônico, cuja solução volumétrica inicial foi testada por meio de uma maquete física sob o heliodon. Só então se deu início ao desenvolvimento do projeto, no sentido trazer novas perspectivas para o mercado local, produzindo uma edificação exclusivamente voltada para o público alvo, sem negar a realidade local, nem as limitações de ordem social, econômica e cultural.

2 AS RECENTES (R)EVOLUÇÕES NA MORADA E A ATUAL DIVERSIDADE FAMILIAR

A relação das pessoas com a sua morada está em constante evolução, o que se relaciona, em parte, com as transformações no núcleo familiar, que se intensificou nos anos 60. A partir de então, começaram a surgir novos grupos familiares, tais como famílias monoparentais, casais sem filhos, uniões livres – incluindo os casais homossexuais e grupos coabitando espaços sem laços conjugais ou de parentesco (TRAMONTANO, 2003).



No Brasil, apesar das crises econômicas e o empobrecimento da população em geral, o sonho da casa própria continuou sendo estimulado pelas construtoras, que face à nova realidade, começaram a comercializar apartamentos cada vez menores. E para compensar essas perdas, começaram a surgir condomínios-clubes com grandes áreas de lazer, incluindo piscinas, playground, quadras e praças, as quais aliadas aos crescentes índices de violência, geraram um fator adicional de venda. O mercado imobiliário, assessorado por empresas de marketing, está atento às transformações em curso no perfil do usuário e tem antecipado tendências para um público muitas vezes ainda não consciente destas necessidades. Hoje em dia, com a evolução da tecnologia, muita coisa que fazíamos externamente é agora feita via internet, em casa, levando a crer que houve uma supervalorização do espaço doméstico. No entanto, se compararmos com as inúmeras mudanças que aconteceram no modo de viver do indivíduo, relativamente, poucas transformações tem ocorrido no âmbito do ambiente doméstico. De acordo com Esteves (2013), muitas mudanças aconteceram na sociedade nos últimos anos, no que diz respeito à organização social e à modificação do padrão dos perfis sociais. Neste contexto, o mercado assumiu um papel importante na concepção dos projetos, ditando regras e influenciando as maneiras de morar. Essas “tendências” ou “modas” muitas vezes podem ser efeito de interesses particulares, inclusive dos próprios investidores da área imobiliária. E são justamente essas influências externas que acabam prevalecendo, em detrimento das adequações necessárias para atender à diversidade existente de usuários e seus modos de vida.

Tramontano (2003) afirma ainda que é necessário trazer de volta essa responsabilidade para o arquiteto, deixando de lado aspectos meramente especulativos e orçamentários. É o arquiteto que dispõe de informações sobre o público-alvo, tem conhecimento da evolução histórica destes modelos, sabe relativizar a importâncias das reivindicações de seus futuros moradores e se esquivar de meros imperativos do marketing imobiliário, que, na maioria das vezes, ainda são aspirações distantes do público alvo.

É necessário então repensar a casa contemporânea, adequando-a aos novos modos de viver e tipos de família. Seja experimentando novas configurações que atendam às demandas da vida contemporânea, ou resgatando modelos que já tenham sido usados com sucesso anteriormente. Geralmente, as novidades do mercado estão de acordo com os interesses dos seus próprios investidores e os novos empreendimentos raramente são desenvolvidos de modo participativo. Desta forma, a repetição de padrões tradicionais vem se perpetuando de certo modo indiferente às importantes mudanças sociais que vem acontecendo. A diversidade dos hábitos e necessidades atuais

colocam em xeque as habitações massificadas tradicionais disponíveis no mercado. Os novos modelos familiares e contextos sociais deveriam estimular a produção de produtos alternativos com estratégias mais flexíveis para atender a essa crescente demanda.

3 O QUE É CO-LIVING?

Segundo McCamant e Durrett (1994, apud COELHO, 2010), o *co-living* é uma adaptação do *co-housing*, que foi um movimento dinamarquês da década de 1970, conduzido por pessoas que ansiavam por uma vizinhança com um maior senso de comunidade, inexistente nos subúrbios e nos blocos de apartamentos daquela época. Assim, algumas famílias se reuniram para criar comunidades de casas com o intuito de desenvolver o senso de comunidade através do compartilhamento de espaços sociais. O *co-living* é uma morada compartilhada, que atualmente atende a alguns nichos do mercado, como a terceira idade, os estudantes e jovens profissionais. Apesar do nível de compartilhamento e a privacidade serem variáveis de uma cultura para outra, a maioria das unidades habitacionais em *co-living* possui independência das áreas privadas e de serviços, no que diz respeito às necessidades básicas do dia a dia, e o compartilhamento é feito de forma espontânea através das áreas comuns com serviços como cozinha e lavanderia coletivas. Por conta dessas características, o *co-living* é algumas vezes confundido com uma república de estudantes, que é uma comunidade onde a redução do custo da moradia é a principal razão pela qual a comunidade é criada *a priori*. No *co-living*, o preço do aluguel não é o maior atrativo, mas a localização privilegiada, assistida por uma ótima infraestrutura de serviços e com fortes perspectivas de interação social com seus pares. Assim, acredita-se que o *co-living* está mais próximo de um *hostel* pela sua filosofia de vida; entretanto, o nível de privacidade e a sua finalidade são bem distintos.

4 ESTRATÉGIAS PROJETUAIS UTILIZADAS PARA POTENCIALIZAR AS ÁREAS COMPARTILHADAS

Em seu artigo intitulado *Designing neighborhood for social interaction*, Jo Williams (2005) reitera que os fatores-chaves do desenho que influenciam diretamente na interação social são a divisão dos espaços e as circulações, e que o posicionamento central dos espaços compartilhados estimulam a participação e a unidade no grupo. Outro dado importante da pesquisa é a descoberta de fatores que afastam os usuários das áreas comuns e alguns deles são de ordem administrativa, como a escolha inadequada do mobiliário a ser utilizado e a sua manutenção. Em relação ao dimensionamento dos espaços, tanto o sub quanto o superdimensionamento podem afastar os moradores, levando ao



desconforto no desenvolvimento das atividades ou trazendo a sensação de inadequação ou ociosidade de espaço. Segundo os moradores desse tipo de habitação, a visibilidade das áreas compartilhadas é de grande relevância para uma utilização mais efetiva por parte do grupo, se tornando mais convidativa através da visualização do seu uso e talvez desmistificando algumas crenças inibidoras de ordem pessoal. As áreas intermediárias são imprescindíveis em um ambiente colaborativo, possibilitando uma transição mais suave entre os espaços privados e comuns. Em relação à eficiência das áreas compartilhadas, Williams (2015) considera que o design possui um papel importante na integração social, onde densidade e o layout, a divisão dos espaços públicos e privados e a qualidade e a funcionalidade das áreas compartilhadas, são peças chaves para o sucesso do empreendimento.

Resultados bastante pertinentes também foram obtidos em uma avaliação pós-ocupação realizada em instalações estudantis, em nove *campi* universitários em Massachusetts (EUA), que Nugent (2012, tradução nossa) expõe no artigo intitulado *Residential common places that really work*. Após a análise dos dados coletados, foi possível reconhecer alguns padrões e características presentes nos ambientes com maior integração social. Conforme Nugent (2012, p.3), “os estudantes querem ver e serem vistos, então, espaços abertos são mais populares do que espaços fechados, pois qualquer barreira visual pode ser um empecilho para o estudante se engajar nas atividades em desenvolvimento”. Quando o isolamento é necessário para o bom desempenho das atividades, painéis de vidro podem fornecer o isolamento acústico necessário sem comprometer o contato visual e a sua conectividade. Além disso, espaços fechados ou com pouca visibilidade podem inspirar falta de segurança. Outro aspecto relevante descoberto é que os estudantes se sentem menos intimidados em participar de atividades em espaços multiuso, em detrimento de espaços de atividades individuais. Espaços que são vistos como meramente funcionais, como a lavanderia, podem se tornar polos de integração social, caso sejam bem projetados e integrados a outras funções, como, por exemplo, sinuca ou um pebolim, ou um jardim. Quando existem unidades habitacionais compartilhadas, é importante que se criem espaços reservados nas circulações. A relação do estudante com o espaço é mais efetiva quando seu nível de conforto é elevado e isso está ligado à sua possibilidade de interação com o ambiente, personalizando-o e identificando-o como seu, não importa se em nível de unidade habitacional, pavimento ou edificação.

Os estudantes apontaram o desconforto térmico, a baixa ou excessiva luminosidade, o isolamento acústico ineficiente e a baixa qualidade e/ou inadequação do mobiliário como razões pelas quais eles não utilizavam certos ambientes. Foi percebido, também, que quando os materiais utilizados foram

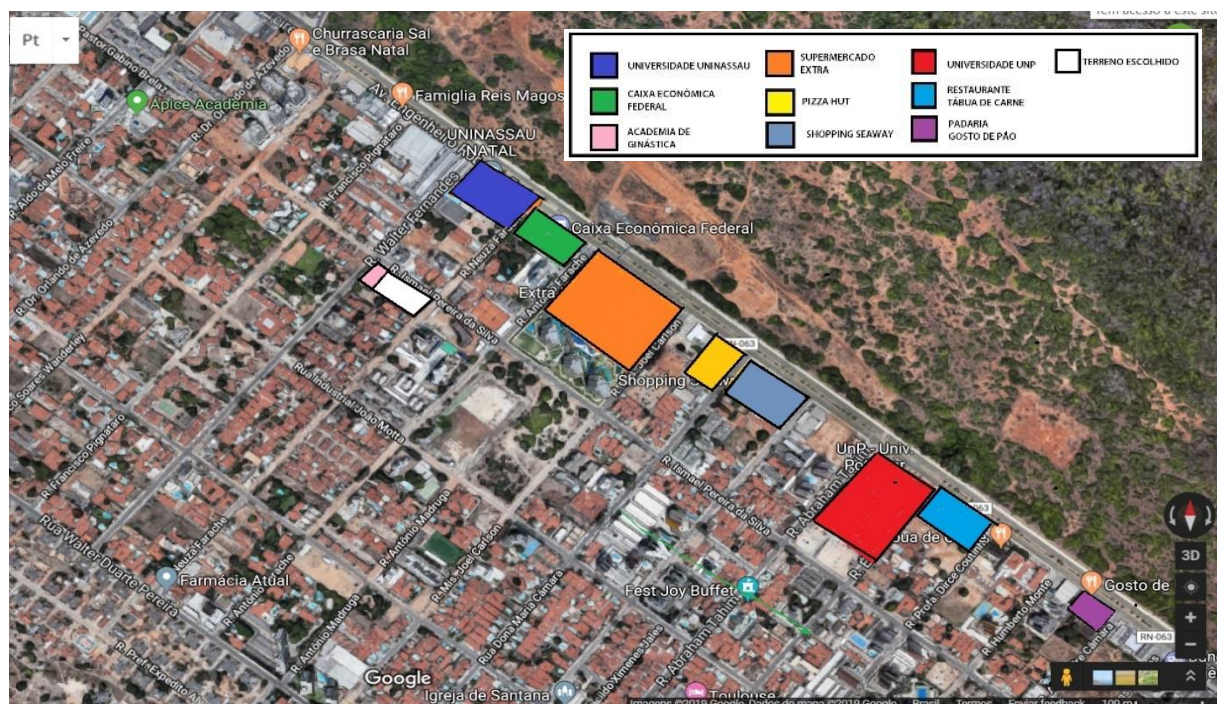


escolhidos apenas devido a sua baixa manutenção e alta durabilidade, isso paradoxalmente não inspirava cuidados por parte dos alunos e ainda desencadeava atos de vandalismo e depredação. No entanto, ambientes acolhedores como os encontrados em casa, faziam brotar sentimento de orgulho, pertencimento e cuidado com o lugar. Em relação ao mobiliário, foi entendido que a variação dos tipos de assentos (sofá, cadeira, poltrona, pufe, etc.) é bastante positiva, e que, preferencialmente, este mobiliário possuía fácil mobilidade e layout flexível.

5 A PROPOSTA DE UMA EDIFICAÇÃO EM CO-LIVING PARA NATAL/RN.

A título ilustrativo, finalizamos apresentando a proposta de uma edificação em *co-living* para a cidade de Natal, em que buscou-se aplicar as estratégias projetuais anteriormente descritas. Como dito anteriormente, o terreno escolhido situa-se em um bairro com ótima infraestrutura de transportes, comércio e serviços, ficando próximo a quatro universidades.

Figura 1 – Terreno escolhido para intervenção e principais usos do entorno

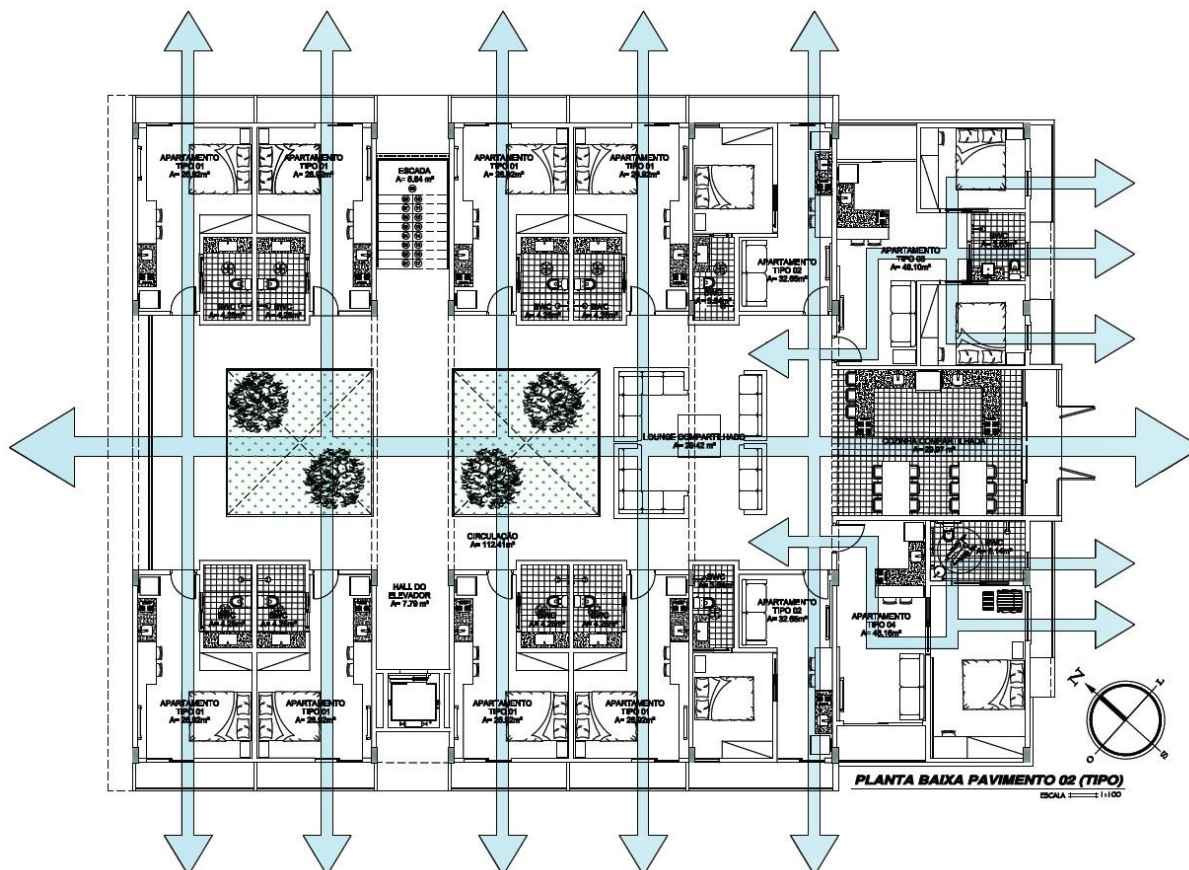


Fonte: Machado, 2018.

A “colmeia” foi o conceito adotado para o projeto por servir de inspiração em dois aspectos: como comunidade altamente organizada e a sua funcionalidade, obtida através de uma estrutura formal bastante simples. O desenvolvimento da proposta começou com a definição das unidades habitacionais cuja disposição estava subordinada a uma ideia inicial em que a circulação deveria ser

um ambiente multifuncional e com alto potencial de socialização, evitando, assim, circulações longas e estreitas.

Figura 2 – PAVIMENTO TIPO - Captação e fluidez dos ventos dominantes no interior da edificação.



Fonte: Machado, 2018.

Como se pode observar na Figura 2, através de átrios, aberturas zenitais e esquadrias com persianas móveis, foi também possível satisfazer outro aspecto relevante: a captação dos ventos dominantes e a sua fluidez por todo interior da edificação. Na sua construção, foram utilizados produtos com alta performance termoacústica, como o tijolo de concreto celular e a telha em poliuretano, assim como na proteção de suas fachadas: os folding shutters (Hunter Douglas), telas solares Thermoscreen (Uniflex) e esquadrias em PVC com persiana integrada.

ARQUITETURA E CIDADE: PRIVILÉGIOS, CONFLITOS E POSSIBILIDADES

Curitiba, de 22 a 25 de outubro de 2019



Figura 3 – Folding shutters e telas solares minimizam a incidência solar na fachada sudeste.



Fonte: Machado, 2018.

Figura 4 – Fachada ativa com área semi-pública na fachada sudeste.



Fonte: Machado, 2018.



PROJETA
GRUPO DE PESQUISA EM
PROJETO DE ARQUITETURA
E PERCEPÇÃO DO
AMBIENTE



UFRN
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE



ARQUITETURA E URBANISMO - UFRP



PPU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PLANEJAMENTO URBANO



UFPR
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ



**UNIVERSIDADE
POSITIVO**

ARQUITETURA E CIDADE: PRIVILÉGIOS, CONFLITOS E POSSIBILIDADES

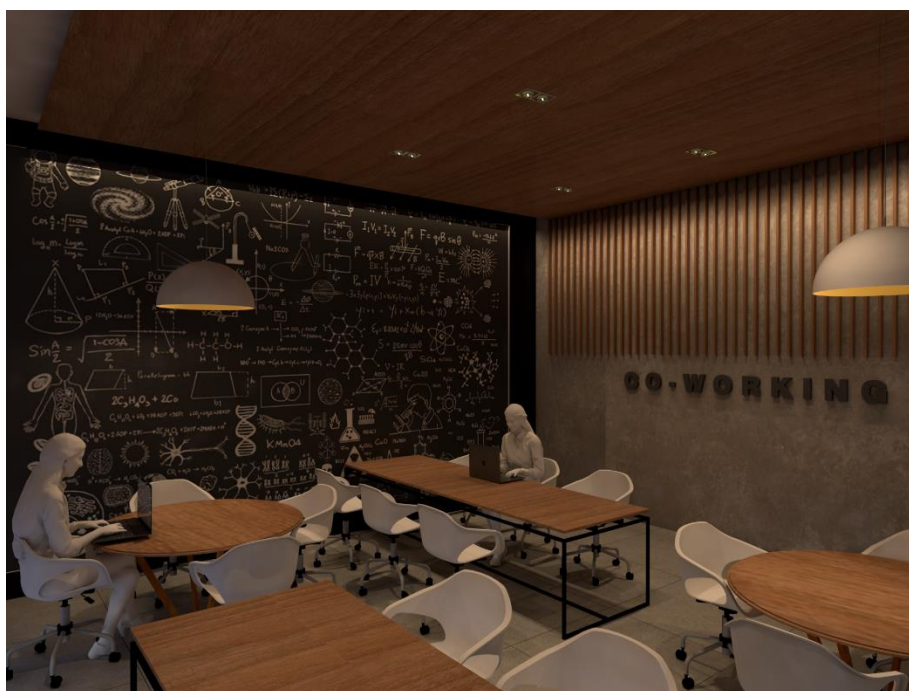
Curitiba, de 22 a 25 de outubro de 2019



O princípio das fachadas ativas foi adotado possibilitando uma maior comunicação entre a edificação e o bairro, ao invés de dar as costas para a vizinhança, em nome da segurança, com altos muros. Para isso uma área semi-pública foi desenvolvida, contemplando passeios, áreas verdes, mobiliário urbano e um complexo de lojas, como pode ser visto na figura 4.

A edificação possui cinco pavimentos com 48 unidades habitacionais distribuídas em quatro tipos: oito unidades tipo *studio*, duas unidades 01 quarto/sala, uma unidade 02 quartos e uma unidade acessível (figuras 2 e 3). Cada pavimento possui um pátio central com dois ambientes compartilhados: a cozinha e um lounge (figura 4). No pavimento térreo se encontra grande parte das áreas compartilhadas, como o lounge e *co-working*, com exceção da lavanderia, que ficou na cobertura juntamente com o jardim zen (figura 5 e 6). Possui também um subsolo, onde foram locados o estacionamento e as áreas técnicas.

Figura 5 – Espaço co-working.



Fonte: Machado, 2018.

Figura 6 – Lavanderia e Jardim Zen.



Fonte: Machado, 2018.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns trabalhos acadêmicos já apontaram a carência de oferta de moradia e serviços a certos nichos de mercado, como os idosos e os novos grupos familiares, que aos poucos veem recebendo a devida atenção com a oferta de produtos específicos. A pesquisa realizada nos fez descobrir uma nova forma de morar, o *co-living*, um importante seguimento a ser observado, os estudantes e os jovens profissionais, e possibilitou o embasamento para elaborar uma nova proposta de moradia para a cidade de Natal, levando em conta as restrições financeiras, sociais e culturais da cidade. Esse trabalho também lançou luz sobre estratégias de projeto que podem ser utilizadas para potencializar a socialização dos moradores de edificações compartilhadas, como o caso estudado. O quadro apresentado à figura 7 relaciona algumas diretrizes para o projeto de moradia em *co-living* com as soluções empregadas no projeto aqui discutido.

ARQUITETURA E CIDADE: PRIVILÉGIOS, CONFLITOS E POSSIBILIDADES

Curitiba, de 22 a 25 de outubro de 2019



Figura 7: Quadro de relações entre as diretrizes e as soluções aplicadas no projeto

DIRETRIZES PARA UM PROJETO EM CO-LIVING	SOLUÇÕES APLICADAS NO EDIFÍCIO PROPOSTO
01. CRIAR ESPAÇOS COMPARTILHADOS CENTRAIS E COM ALTA VISIBILIDADE	A maioria dos espaços compartilhados foram localizados no pavimento térreo, buscando uma maior utilização e interação entre eles, enquanto que áreas comuns semiprivadas foram localizadas no centro de cada pavimento tipo.
02. UTILIZAR MOBILIÁRIO ADEQUADO AO AMBIENTE COMPARTILHADO	O mobiliário foi selecionado tendo em vista a flexibilidade de layout e o cuidado em criar uma diversidade de peças para atender todos os gostos. O design também tem um papel importante na relação de apropriação e zelo do usuário com o ambiente.
03. CRIAR ZONAS DE TRANSIÇÃO	As unidades habitacionais estão dispostas em torno de uma área comum semiprivada e compartilhada, composta por um lounge e uma cozinha, onde o objetivo é suavizar a transição entre os espaços público e privado.
04. TER CUIDADO COM O SUB OU SUPER DIMENSIONAMENTO	Os espaços foram dimensionados de acordo com a atividade a ser desenvolvida e uma projeção do número médio de usuários, tendo como base o número de unidades habitacionais e o total de habitantes possíveis.
05. DESENVOLVER ESPAÇOS RESERVADOS	Além dos espaços compartilhados com alto potencial de socialização, também foram desenvolvidos espaços para possibilitar a busca por privacidade quando desejada. Assim, a cobertura conta com um jardim Zen e o térreo conta com uma praça/jardim.
06. NÃO SEGMENTAR OS ESPAÇOS COMPARTILHADOS	Quando houve compatibilidade entre as atividades a serem desenvolvidas, os espaços foram integrados, criando grandes espaços multiuso. E quando isso não foi possível, os espaços foram isolados com painéis de vidro para não perder o contato visual com o exterior.
07. AUMENTAR A RELAÇÃO DO EDIFÍCIO COM O BAIRRO	Neste projeto não foram utilizados muros para delimitar a área pública e privada. O prédio se volta para o bairro através de uma área semi-pública, fornecendo uma gama de serviços que poderão ser utilizados tanto pelos usuários do edifício, como pelos moradores do bairro.

Fonte: Machado, 2018.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, D.A; Millennials: os empreendedores do momento. SEBRAE, 2017. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/mg/artigos/millennials-os-consumidores-do-momento,d7da312905e27510VgnVCM1000004c00210aRCRD>>. Acesso em: 11 de Maio de 2018.

CARNEIRO, V.C.; CARNEIRO, V.V. *Da posse ao acesso: o papel da economia compartilhada para o consumo sustentável*. São Paulo: XIX ENGEMA. Universidade de São Paulo, 2017.

COELHO, R. *Architectural Development of Urban Social Capital: Cohousing in downtown Toronto*. Dissertação de mestrado em arquitetura. Ryerson University, Toronto, Canadá, paper 845, 2010

ESTEVES, A.M. C. *Flexibilidade em arquitetura: uma contribuição adicional para a sustentabilidade do ambiente construído*. Coimbra: 2013.224p

GUTIÉRREZ-RUBÍ, A. *Millennials em latinoamérica: una perspectiva desde Ecuador*. Barcelona, Espanha: Editorial Ariel, S.A., 2016.

NUGENT, J. Residential Common Spaces that really work. *Planning for higher education*. Vol.4, Nº1. Society for College and University Planning, 2012.

TRAMONTANO, M. Alice no país da especulação imobiliária: habitação e modos de vida na cidade de São Paulo. *Cidades. Comunidades e territórios*. Lisboa, Portugal: v.06, p.75-82, 2003. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria.html>. Acessado em: 14.04.18

TRAMONTANO, M. Apartamento, arquitetura e mercado: estado das coisas. In: *Oficina Verticalização das cidades Brasileiras*, São Paulo: 2006. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria.html>. Acessado em 15.04.18

WILLIAMS, J. Designing Neighbourhoods for Social Interaction: The Case of Cohousing. *Journal of Urban Design*. Vol.10 Nº02, p.195-227. Nottingham University, 2005.



PROJETA
GRUPO DE PESQUISA EM
PROJETO DE ARQUITETURA
E PERCEPÇÃO DO
AMBIENTE



UFRN
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE



ARQUITETURA E URBANISMO - UFRN



PPU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PLANEJAMENTO URBANO



UFPR
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ



UNIVERSIDADE
POSITIVO